

“Americanização nossa de cada dia”: interdisciplinaridade no ensino de língua inglesa

José Raymundo F. Lins Jr.

Universidade Estadual Vale do Acaraú

Cassiana Ximenes Carneiro

Universidade Estadual Vale do Acaraú

Jitana Aparecida Borges Aranda

Universidade Estadual Vale do Acaraú

José Roberto Gonçalves de Abreu

Universidade Estadual Vale do Acaraú

Yara Cristina Lima Vieira

Universidade Estadual Vale do Acaraú

Resumo

Este artigo analisa as dificuldades e superações de se realizar projetos interdisciplinares na escola pública brasileira, através de uma experiência desenvolvida por bolsistas do PIBID de três cursos da Universidade Estadual Vale do Acaraú, no ano de 2015. O projeto teve como sede a escola Luis Felipe, localizada no município de Sobral, Ceará, e objetivou discutir o processo de americanização na sociedade sobralense, a partir de aspectos linguísticos e culturais. Tomamos como base os estudos de CAMPANI (2000); EVANGELISTA; COLARES e FERREIRA (2009); CORDIOLLI (2002) e BONATO (2012), que discutem uma educação voltada para o aluno e com ações docentes inovadoras. Como resultado, percebemos que, por mais que encontremos a disposição para elaborar e executar projetos interdisciplinares, a sua efetivação ainda se encontra prejudicada pela formação e pelo currículo fragmentado evidenciado nas escolas.

Palavras-chave: Ensino de Língua Inglesa. Interdisciplinaridade. PIBID.

Abstract

This article studies possibilities and difficulties of doing interdisciplinary projects in Brazilian public schools, through an experiment developed in 2015 by PIBID scholarship holders from three different courses at Universidade Estadual Vale do Acaraú. The project, which was carried out at Luis Felipe Secondary School, in the city of Sobral, Ceará, aimed to discuss linguistic and cultural aspects of the Americanization process in the local community. The studies of Campani (2000); Evangelista, Colares, Ferreira (2009); Cordioli (2002); and Bonato (2012) provided the theoretical support for this study, as they argue that basic education should be student-centered and should be the place where new teaching practices are produced. As a result of the study, although we feel motivated to develop and carry on interdisciplinary projects, the degree of their effectiveness is still jeopardized due to the fragmented curriculum established at schools

Keywords: English Language Teaching. Interdisciplinarity. PIBID.

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta uma análise das atividades de planejamento, execução e resultados do projeto “Americanização nossa de cada dia”, uma ação interdisciplinar de autoria dos bolsistas dos subprojetos Letras/Inglês, Letras/Português e Ciências Sociais do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). As atividades foram desenvolvidas na escola Professor Luís Felipe, na cidade de Sobral, município do semiárido norte cearense, sob a supervisão dos professores dos subprojetos em desenvolvimento na escola-sede e de seus respectivos coordenadores, na instituição de ensino superior.

Este relato torna-se relevante para os estudos sobre saberes e ação docente porque, embora o termo **interdisciplinaridade** seja muito utilizado nos últimos tempos, a sua aplicabilidade no contexto educacional ainda é questionada. Objetivamos discutir os entraves e as possíveis viabilidades da prática interdisciplinar e relacioná-las com a formação de professores, bem como a importância dessas práticas para o processo de aprendizagem de ambos, alunos da educação básica e professores em formação.

Cientes de que os argumentos ora apresentados não podem encerrar a discussão, contamos com a realização de novos estudos que (re)ensem o modelo de educação atual e a tornem mais significativa para os alunos (e mais eficaz para o fim ao qual se propõe: um cidadão consciente e produtivo para o mercado de trabalho), uma vez que a escola é, além de tudo, uma instituição que alimenta as gerações futuras de uma nação.

INOVAR É PRECISO: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO HOLÍSTICA PARA A EFETIVAÇÃO DE PROJETOS INTERDISCIPLINARES

Afinal, o que é essa tal interdisciplinaridade, que nos orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais, desde o final dos anos noventa? Segundo Fazenda (2014, p.38), a interdisciplinaridade “caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa”. Estabelecer um conceito certo e único para interdisciplinaridade não é algo fácil – e talvez impossível –, tendo em vista que a mesma pode ser moldada de acordo com a prática desenvolvida e seus fins. Ou seja,

interdisciplinaridade corresponde à produção ou processo de relações entre saberes, a parte de uma disciplina ou de um tema sem as limitações de domínios ou objetos impostos pela especialização das ciências (CORDIOLLI, 2002, p. 19).

Assim, a interdisciplinaridade estabelece-se a partir de uma relação entre saberes de áreas distintas, que devem se complementar; formar um todo a partir da conexão de suas partes, porém para que a interdisciplinaridade seja efetiva deve-se levar em consideração o empenho dos professores envolvidos tendo por base a parceria. O entendimento das partes tem que partir primeiro de quem propõe a aprendizagem para que a mesma se efetive no processo de transposição do conhecimento (o trabalho interdisciplinar).

Através de ações ou projetos interdisciplinares é possível agregar saberes de diversas áreas, ou seja, propor inovações no ensino-aprendizagem de determinados conteúdos, tornando a sala de aula um ambiente de produção de conhecimento mais diversificado e rico. É importante ressaltar que para uma prática interdisciplinar ocorra é preciso que todos os envolvidos trabalhem em conjunto no ato de planejar, executar e avaliar, o que a torna uma atividade colaborativa.

Em uma perspectiva escolar, a grande vantagem de agregar diversas áreas do conhecimento em torno de um tema gerado, ou seja, de se praticar interdisciplinaridade é “resolver um problema ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista” (BONATTO, 2012, p. 4). Entretanto, antes de adentrarmos na prática interdisciplinar, recorramos a outros conceitos relacionados às didáticas específicas, através dos termos pluri, multi, e transdisciplinaridade.

Para Cordioli (2002), a pluridisciplinaridade é uma prática que se dá através de disciplinas distintas que tratam de temas diversos, porém sem o viés comum e os aspectos colaborativos, ou seja, as diversas disciplinas existentes em um currículo escolar.

Diferentemente, a multidisciplinaridade se baseia nos aspectos colaborativos e pontos comuns entre as disciplinas, ou seja, as disciplinas cooperam em virtude de um objetivo em comum, porém permanecem dentro de suas áreas. Em uma feira de ciências, por exemplo, se alunos quiserem elaborar um modelo de bomba terço que aliar conhecimentos de física, matemática e química.

Por fim, a transdisciplinaridade é, de todos, o método mais complexo, pois “na prática escolar, esta relação estaria nos diálogos articulados entre disciplinas e professores, em tempos diferentes, respeitando seus ritmos, tempos e ordenamentos de trabalho” (CORDIOLLI, 2002, p. 22). De fato, pensar a transdisciplinaridade, quando o nosso modelo escolar dificilmente possibilita uma ação realmente interdisciplinar é

quase impossível, ou quiçá uma utopia. Segundo Fazenda (2014, p. 39), a transdisciplinaridade

apresenta uma incoerência básica, pois a própria ideia de transcendência pressupõe uma instância científica que impunha sua autoridade às demais, e esse caráter impositivo da transdisciplinaridade negaria a possibilidade do diálogo.

Ao tratar várias disciplinas e áreas de conhecimento sob uma forma unificada impossibilita-se a execução das grades curriculares existentes no modelo de educação neoliberal, pois há disciplinas que, devido ao mercado de trabalho, são mais valorizadas que outras. Entende-se, portanto, a transdisciplinaridade como **utopia** porque o currículo das escolas, visando à unidade do conhecimento, impossibilita o diálogo necessário. Fazenda (2014, p. 39) conclui que a multi e a pluridisciplinaridade, “implicando apenas a integração de conhecimentos, poderiam ser consideradas etapas para a interdisciplinaridade”.

A educação está em constante mudança, orientada ora por questões de ordem tecnológica, ora por questões de ordem ideológica, por exemplo, qual o modelo de escola que responde aos desejos sociais e econômicos de uma sociedade. O que devemos salientar é que nem todas essas mudanças são positivas.

No caso do Brasil, por exemplo, que, segue a tendência neoliberal de educação, a escola está se voltando para um modelo neotecnista (CAMPANI, 2000, p. 165), impedindo o desenvolvimento de um cidadão consciente. Mesmo ciente de que a escola não é responsável pela transformação social, não podemos negar que ao capacitar a possibilidade de (re)conhecimento das questões sociais, ela está preparando indivíduos capazes de construir novas ordens sociais. Essa é a esperança de que fala Freire (2000, p. 23), ao afirmar que

toda prática educativa libertadora, valorizando o exercício da vontade, da decisão, da resistência, da escolha; o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, dos limites; a importância da consciência na história, o sentido ético da presença humana no mundo, a compreensão da história como possibilidade jamais como determinação, é substantivamente esperançosa e, por isso mesmo, provocadora da esperança.

Daí a necessidade de se pensar novos modelos que reintegrem a concepção de uma educação holística (MORIN, 2002), que reinsira o aluno no centro do processo de aprendizagem e permita ao professor redescobrir a educação como um processo de troca de informações, necessária à produção de conhecimentos significativos e úteis.

Assim, para acompanhar as constantes mudanças, a escola precisa se estabelecer como um espaço de reflexão sobre as demandas sociais, muitas vezes

resultantes de relações de poder desiguais, através de aulas mais interessantes e produtivas.

Ao perpetuar a crença de que os alunos não aprendem com a mesma facilidade de antigamente ou que os mesmos não demonstram interesse naquilo que está sendo exposto pelo professor estamos apenas afirmando o fracasso da escola e atestando a falta de eficácia das ações docentes utilizadas pelos professores. É neste momento que a interdisciplinaridade se mostra como proposta desafiadora e inovadora, exigindo do professor uma postura de maior autonomia na sua práxis, passando de mero reprodutor de conteúdos determinados para mediador de conhecimentos produzidos pelas e para as necessidades sociais.

Pensando na articulação entre saberes e didáticas específicas, a coordenação institucional do PIBID/UVA – 2013/2015 propôs que todos os subprojetos que atuavam em uma mesma escola elaborassem e executassem um projeto interdisciplinar, num período estabelecido de dois meses.

O objetivo deste estudo é analisar a proposta desenvolvida pelos subprojetos Letras/Inglês, Letras/Português e Ciências Sociais na escola Professor Luís Felipe, na cidade de Sobral, município do semiárido cearense.

Inicialmente, descrevemos o período de elaboração e execução do projeto, momentos nos quais as atividades foram planejadas e desenvolvidas a partir dos princípios de interdisciplinaridade, trabalhados em formações complementares com os bolsistas, com o intuito de ampliar o conhecimento produzido pelos alunos dentro da sala de aula. Em seguida, partimos para a análise dos resultados, com base nos mesmos princípios, a fim de constatar se, de fato, tratou-se de um projeto interdisciplinar ou apenas ações docentes inovadoras, que tendem a fugir do modelo mecanicista da educação brasileira.

O DESAFIO, A EXPERIÊNCIA E AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES.

Conforme vimos anteriormente, um projeto interdisciplinar inicia-se com um planejamento participativo e colaborativo. Não se trata apenas de trazer discussões de outras áreas do conhecimento para uma disciplina específica, mas de expô-los de forma a unir tais conhecimentos, para que um complemente o outro. Como citado anteriormente, para haver interdisciplinaridade é necessário que haja um elo entre as áreas do conhecimento. Nenhum desses conhecimentos deve ser desenvolvido de forma

individual, caso isso ocorra, o elo será rompido e o que antes era interdisciplinaridade pode se transformar em uma ação disciplinar completamente diferente. Da mesma forma, nenhum conhecimento deve se impor em relação ao outro, devem desenvolver-se a partir do princípio da integração. Tendo isso em mente, é crucial ressaltar que o planejamento é uma fase de suma importância para que a interdisciplinaridade ocorra – inicialmente com a internalização do conceito pelos seus proponentes.

O projeto previa duas etapas: (1) o processo de elaboração do projeto com reuniões de planejamento e debates entre os três subprojetos e (2) uma sequência de atividades que se desenvolveram em três dias e uma atividade final que previa a produção de textos produzidos pelos alunos da educação básica. Em cada uma das etapas, desafios se apresentavam ao grupo e as discussões para ultrapassá-los foram cruciais para que os participantes dos subprojetos compreendessem a dificuldade de execução da ação proposta. Entretanto, a possibilidade de executá-lo nunca deixou de ser real para os bolsistas, mesmo enfrentando as especificidades de cada área do conhecimento.

Mas entre a possibilidade e a realidade, o dilema de trabalhar um só tema gerador a partir de três perspectivas distintas foi deixando claro que as dificuldades iniciais só tendiam a aumentar. A cada novo encontro de elaboração, as ideias eram revistas e amadurecidas e o processo de interação entre os bolsistas se materializava em discussões que envolviam as três áreas do conhecimento, com todos os bolsistas participando ativamente. Diversas reuniões foram necessárias para que se pudesse chegar a um só ponto específico, aquele que seria em comum para todos os subprojetos envolvidos. Vencida a primeira etapa do projeto, partimos para sua execução, através de oficinas que apresentavam o tema e possibilitavam a interação dos alunos com os bolsistas em três dias consecutivos.

No primeiro dia de atividade, o projeto foi apresentado para as duas turmas de alunos do ensino médio que participariam de todas as etapas da atividade. Iniciamos com questionamentos sobre o que é estrangeirismo e como ele é percebido em nossa cultura, o que fez com que os alunos, que até então não se mostraram entusiasmados, comessem a se interessar pelo assunto respondendo às perguntas e interagindo. Em seguida, tocamos a música “Samba do Approach”, de Zeca Baleiro e Zeca Pagodinho, e partimos para a compreensão das palavras em inglês, onde os alunos iniciavam as associações e os bolsistas dos diversos projetos faziam inferências dos termos com aspectos linguísticos e culturais. Os bolsistas do subprojeto Letras/Inglês

apresentavam o idioma estrangeiro e sua inserção no mundo contemporâneo, os do subprojeto Letras/Português falavam sobre neologismos e formação de palavras e os do subprojeto Ciências Sociais traziam questões de como a escolha de termos estrangeiros ou vernáculos poderia significar empoderamento ou desvalorização da cultura nacional. Com base nessas informações, partimos para uma discussão sobre prós e contras da “invasão linguística” do inglês influenciada pelo grande avanço tecnológico e concluímos as atividades do dia com os vídeos “Estrangeirismo”, de Zé Ramalho, e “Disseram que eu voltei americanizada”, de Carmem Miranda. O objetivo deste primeiro momento era mostrar que a **invasão linguística** tem origens em questões socioeconômicas e culturais, enfocando o domínio tecnológico norte americano e a disseminação do inglês em todo o mundo. Em especial, discutimos a influência desse fenômeno sobre a cultura brasileira, de modo a perceber a língua inglesa como algo que ultrapassa um conjunto de normas a serem aprendidas e assume uma função social, difícil de ser percebida nas salas de aula de inglês das escolas.

O segundo dia do projeto previa uma atividade de produção oral por parte dos alunos. Após um debate sobre o que vem a ser americanização – e como ela se materializa no Brasil e, em particular, na nossa região, apresentamos vídeos publicitários que explicitavam a presença de termos ingleses no mercado brasileiro, com a intenção de expor neologismos que caracterizam esse processo de dominação linguística. Em seguida, trouxemos encartes de empresas nacionais que traziam em seus textos neologismos/estrangeirismos e, dividindo os alunos em três grupos, pedimos que recortassem as palavras estrangeiras e as separassem por categorias como beleza e saúde, por exemplo. Nesse momento o acompanhamento dos bolsistas foi essencial, pois além de tirar dúvidas, os mesmos ouviam as referências que os alunos traziam a cada palavra categorizada. Finalizamos a atividade com a apresentação dos grupos e a escolha das categorias e suas palavras, e como as mesmas se relacionavam com o fenômeno da americanização na cultura brasileira.

No terceiro dia do projeto, a intenção era realizar uma produção escrita que representasse o fenômeno da americanização. Para tal, os bolsistas utilizaram o material produzido no dia anterior, com o objetivo de que os alunos identificassem e dessem suas opiniões sobre o estrangeirismo e como este acentua o processo de americanização. Para a produção, nossa intenção era formar três grupos de seis alunos, eram 18 alunos no total, porém alguns alunos que se localizavam concentrados no fundo da sala não quiseram participar. Em seguida, dividimos os alunos em três grupos, cada um com a

está subdividida em gramática, redação, interpretação de texto e literatura. Ou seja, percebe-se uma fragmentação da língua em aspectos que dificilmente dialogam entre si.

Se é verdade que um trabalho em conjunto funciona mais facilmente quando se pensa num todo e não de forma individual, também é verdade que no contexto atual da educação básica brasileira, esse tipo de trabalho se impõe como uma tarefa árdua para os profissionais das diversas áreas do conhecimento, uma vez que os próprios cursos de licenciatura se ocupam muito mais em repassar conhecimentos específicos de suas áreas do que tratar de aplicar esses conhecimentos de forma significativa para o aluno, o que implicaria em correlacioná-los entre si. Sem libertar-se dessa prática ainda no processo formativo docente, os professores não serão capazes de tornar viável e eficaz qualquer proposta de trabalho interdisciplinar.

A experiência do magistério, desenvolvida através de atividades do PIBID – subprojeto Letras/Inglês, nos proporcionou uma reflexão sobre os processos formativos da nossa licenciatura, no curso de Letras. Até então, não tínhamos percebido como as disciplinas são trabalhadas descontextualizadas e fragmentadas em três grandes núcleos: o da linguística, o da literatura e o das práticas pedagógicas, sendo este último o menos privilegiado de todos. Não entendíamos porque alguns alunos diziam se sentir perdidos quando iniciavam os estágios supervisionados e, acreditamos que este sentimento pode ser amenizado com as vivências pibidianas.

A proposta de trabalhar em conjunto com os subprojetos Letras/Português e Ciências Sociais foi de extrema importância não apenas para experimentar a possibilidade de uma ação interdisciplinar, mas também para analisar as atividades planejadas e desenvolvidas e poder concluir se, de fato, essa ação pode ser considerada interdisciplinar. Esse processo nos levou, ainda, a uma importante experiência, que só tínhamos ouvido falar na disciplina de Metodologia do Trabalho Científico: a realização de uma pesquisa-ação, que coloca o professor como investigador de sua própria prática e permite ao mesmo uma maior autonomia no agenciamento dos saberes produzidos.

Um dos grandes problemas enfrentados foi a atuação dos professores supervisores de área, que não contribuiu de forma significativa à elaboração do projeto, uma vez que ficou percebido que os próprios professores tinham dificuldade de conceituar o termo interdisciplinaridade. No entanto, durante a execução em sala o supervisor de Ciências Sociais foi de suma importância para a execução das

atividades, tomando a frente do projeto, uma vez que sua execução aconteceu durante as aulas de sua disciplina.

No caso específico do trabalho colaborativo com os demais subprojetos, o tema gerador do projeto (processo de americanização do Brasil) foi, sem dúvidas, muito discutido nos momentos de planejamento e debates entre os subprojetos. Como cada disciplina defendia seus pontos de vistas, a partir do conhecimento teórico de seus conteúdos, houve abertura para ouvir o que os outros subprojetos traziam de novidade ao tema. Entretanto, a aplicabilidade dessas diversidades se mostrou um desafio aos conteúdos específicos. Em vários momentos da elaboração do planejamento, constatou-se que bolsistas e supervisores tendiam a destacar mais os conteúdos de suas disciplinas do que uma ação integradora, que geravam debates enriquecedores, mas longe de uma prática interdisciplinar.

Além disso, questões como horário para as reuniões – necessárias para a realização de determinadas ações – e abertura para inserir em suas atividades *links* com as demais disciplinas foram as maiores dificuldades encontradas quando se pensou em desenvolver o projeto na sua totalidade.

Essas questões, quando analisadas posteriormente, nos fizeram perceber que o princípio da cooperação deixou a desejar, e que a intenção interdisciplinar da proposta não chegou a ser alcançada, pois, embora os alunos, ao longo das atividades, estivessem sendo expostos a três perspectivas distintas sobre o processo de americanização, cada subprojeto acabou por limitar-se à sua didática específica. Nós, do subprojeto Letras/Inglês, mesmo comentando sobre questões culturais, nos focamos na questão do estrangeirismo linguístico; os bolsistas de subprojeto Letras/Português abordaram também o estrangeirismo linguístico, porém sob uma perspectiva negativa dele e os bolsistas do subprojeto de Ciências Sociais focaram na globalização e como ela influencia a todos. Resumindo, os alunos não perceberam uma atividade, mas três atividades distintas, desenvolvidas a partir de um mesmo tema.

Desta forma, a interdisciplinaridade não pôde ser comprovada neste projeto, o que não o invalidou de todo, pois as ações docentes desenvolvidas se configuraram como inovadoras e desafiadoras ao modelo de educação tecnicista que ainda rege as salas de aula das escolas (públicas) brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução do projeto “Americanização Nossa de Cada Dia” mostrou que as práticas docentes desenvolvidas configuram um projeto interdisciplinar porque, todos os bolsistas participaram ativamente, dispondo-se a trabalhar as especificidades de seus conteúdos, sem perder as contribuições que os demais conteúdos poderiam trazer para essas especificidades, ou seja, utilizando-se do elo que contextualizava todas as partes do projeto: a língua como um fenômeno social e não como um conjunto de regras, para os bolsistas dos subprojetos de Letras e a realidade social manifesta através da linguagem, para os bolsistas das Ciências Sociais.

Diante disso, fica claro que cada disciplina (vista numa perspectiva curricular mais restrita) mantém suas especificidades, mas que estas não estão isoladas e se relacionam na realidade de forma espontânea e indeterminada e, assim, o reconhecimento das partes é importante para a significação do todo. Isso se comprovou em determinados momentos, em que tanto os bolsistas quanto os alunos envolvidos apresentavam opiniões diversas sobre o fenômeno “americanização”; alguns ressaltando os pontos negativos, outros os pontos positivos, e os argumentos que levavam à concordância ou discordância.

É de suma importância desmistificar a crença de que não é possível existir uma prática interdisciplinar tanto no ambiente escolar quanto no acadêmico. Entretanto, também é necessário estarmos conscientes do que é ou não é uma ação interdisciplinar e que resultados podem ser obtidos através de sua tentativa.

No projeto apresentado, pudemos ver que a interdisciplinaridade é uma realidade cada vez mais próxima e que, quando as dificuldades enfrentadas não a validam enquanto ação interdisciplinar, não a invalidam enquanto ação inovadora, favorecendo uma aprendizagem mais significativa para os alunos e, também, para os professores que se aventuraram a novas investigações.

Na verdade, essas dificuldades decorrem da falta de experiência e de capacitação por parte dos profissionais da educação. A falha se inicia no momento da formação inicial desses profissionais, que não tiveram um suporte para ideias inovadoras e persiste durante a formação continuada que tendem a reproduzir os mesmos modelos da educação bancária (FREIRE, 2000), que pressupõe um professor que transmite conhecimentos que alimentam a ordem social construída e alunos que recebem esses conhecimentos se preparando para não questionar a tal ordem. É desses

professores que se espera uma ação inovadora, interdisciplinar ou não, que venha transformar a educação em uma atividade prazerosa, dignificada e eficaz.

Esperamos que este estudo possa despertar o interesse pelo desafio de propor atividades interdisciplinares na educação básica e que, essa experiência sirva de exemplo para professores que pensam em propor ações interdisciplinares em prática.

REFERÊNCIAS

BONATO, Andréia et al. Interdisciplinaridade no ambiente escolar. **IV Fórum das Licenciaturas, VI Encontro do PIBID e II Encontro Prodocência**. UNICENTRO: Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2414/501/>>. Acesso em: 5 set. 2015.

CAMPANI, Adriana. Saberes docentes necessários ao projeto neoliberal de educação – em busca de uma nova política de formação de professores. In: CHAVES, Iduina M.; HOLANDA, Patrícia H. (Org.). **Formação de professores: a busca do reencantamento pela escola**. Sobral: Edições UVA, 2000. p 153-167.

CORDIOLLI, Marcos. **A relação entre disciplinas em sala de aula: a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a multidisciplinaridade**. Curitiba: A Casa de Asterion, 2002.

EVANGELISTA, Izabel Alcina; COLARES, Maria Lília; FERREIRA, Maria Antonia Vidal. Projetos educativos interdisciplinares na prática docente. In: **Anais do V Encontro de Pesquisa em Educação**, PPGED/UFPI: Teresina, 2009. Disponível em: <<http://migre.me/spyoj>>. Acesso em: 25 set. 2015.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: um projeto em prática**. 7ª. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

MORIN, Edgar. **As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

OS AUTORES

José Raymundo F. Lins Jr. É professor assistente no Curso de Letras, da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Licenciado em Letras/Inglês (UFBA), Especialista em Planejamento e Gestão em Educação (UNEB), Mestre em Linguística Aplicada (UECE) e doutorando em Linguística (UFPB). Atualmente é coordenador do Estágio Supervisionado do Curso de Letras, Coordenador de Área do Subprojeto Letras/Inglês do PIBID/UVA e pesquisador de Representações Sociais de Professores de Línguas e Políticas Linguísticas Educacionais.

E-mail: linsjr2000@hotmail.com

Cassiana Ximenes Carneiro é professora da Rede Municipal de Sobral, graduada em Letras/Inglês (UVA), ex-bolsista do Subprojeto Letras/Inglês do PIBID/UVA.

Jitana Aparecida Borges Aranda é professora da Rede Estadual do Ceará, graduada em Letras/Inglês (UVA), ex-bolsista do Subprojeto Letras/Inglês do PIBID/UVA.

José Roberto Gonçalves de Abreu é graduando em Letras/Inglês (UVA), bolsista do Subprojeto Letras/Inglês do PIBID/UVA.

Yara Cristina Lima Vieira é graduanda em Letras/Inglês (UVA), bolsista do Subprojeto Letras/Inglês do PIBID/UVA.

